



## O actual momento é de acção

As sessões que ora se estão realizando na Câmara Sindical de Trabalho, vão decorrendo com tanta ponderação que parecem à primeira vista sessões de um congresso.

Verifica-se que os nossos apelos aos militantes não têm sido vãos. O operariado está encarando a sua situação com inteligência e começa a compreender que não há maneira de alcançar o seu *desideratum* sem primeiro lançar as bases de uma organização forte, capaz de resistir aos mais violentos combates.

A discussão na Câmara Sindical de Lisboa, por vezes, é viva e agitada. Mais essa vivacidade e agitação indicam apenas que existe por parte dos delegados que compõem aquele organismo uma vontade firme de fazer triunfar os pontos de vista que a cada um parece melhor servirem a organização.

Estamos certos de que os delegados, embora defendendo briosamente suas maneiras de ver, não de nortear-se por um princípio de tolerância e de mútua transigência, que aproveita à boa marcha da organização operária.

Entretanto, este calor na discussão e a maneira como os trabalhos têm sido conduzidos demonstram que se saiu das águas mornas, dos panos quentes, que por falta de entusiasmo se estavam adoptando últimamente.

Novas energias surgem e o futuro do proletariado, quanto à sua organização de classe, começa a apresentar-se mais risonho.

Tivemos ontem a satisfação de apresentar, como exemplo notável de acção, o trabalho que a Câmara Sindical do Porto vem realizando em face da carestia da vida. Hoje, com igual regozijo, apresentamos o trabalho de reorganização interna da Câmara de Lisboa como não menos valioso exemplo a seguir.

Mas não deve a Câmara de Lisboa, no compreensível desejo de se fortalecer, limitar-se a ser trabalho de carácter interno. É preciso, porque as circunstâncias de momento imperiosamente o reclamam, expander também uma energética acção exterior de propaganda e de protesto contra a carestia da vida e contra a crise de trabalho.

Estes assuntos que afectam profundamente o proletariado, que lhe interessam directamente têm de ser ventilados publicamente pela Câmara Sindical, como já o está fazendo a Câmara do Porto.

Estamos certos de que tanto de pressa aquela organização central de Lisboa tenha arrumado os seus trabalhos internos, se lançará na propaganda pública entre as massas trabalhadoras e no combate rijo à carestia da vida que está verdadeiramente insuportável.

## O Sindicato dos Profissionais da Imprensa e as intrigações de "A Epoca"

Publicou *A Epoca* de ontem um "suelto" do Sindicato dos Profissionais da Imprensa que não prima pela lealdade. Contém afirmações gratuitas tendentes a fomentar na classe dos jornalistas intriga e dissensões que até à data não existiram.

Apresenta-se no aludido "suelto" a resolução da última assembleia como sendo tomada apenas por um pequeno grupo de sócios, cujo número não vai além de quinze, e chega-se ao extremo de publicar, num ar-sininho de antipáticas denúncias, os nomes de alguns camaradas que atacaram a direcção por justíssimas razões, sobejamente demonstradas.

Tudo aquilo visava a defesa dum direcção que apenas existia no nome, visto que todos os seus membros, à exceção de um, se haviam afastado, abandonando por completo a missão de que foram incumbidos.

E' ridícula a defesa feita pela *Epoca*, cujos redactores apareceram na assembleia dispostos a apoiar uma direcção que não existia. O tal grupo de sócios, a que se refere a *Epoca*, é aquele resumido grupo que sabe comparecer nas assembleias e cumprir os seus deveres para com a classe. Interpretando o sentir desta apenas deu solução a uma situação que não podia manter-se, provocando a demissão dos corpos gerentes a-fim de substitui-los por quem melhor saiba cumprir os mandatos que a classe confia.

## Francisco Viana

Realiza-se amanhã, pelas 10 horas, uma sessão de homenagem postuma promovida pela comissão administrativa do Sindicato Único Metalúrgico ao falecido militante metalúrgico, que à organização operária e ao proletariado prestou relevantes serviços. Durante a sessão será inaugurado na sala do sindicato o retrato do homenageado. A comissão administrativa do referido sindicato convida todos os sindicatos a fazêrem-se representar, assim como convida o proletariado a assistir e em especial os operários metalúrgicos.

## E' preciso iniciar em Lisboa a grande luta contra a carestia da vida!

A carestia da vida, quase de um dia para o outro, agravou-se por tal forma que tornou insuportável a existência para a maioria do povo. Só o assambareamento, a negociação ignobil, a ganância, explicam este abuso inqualificável.

O crime está bem patente, o roubo às algibeiras quase esgotadas do povo não pode mostrar-se mais às claras.

Como justificam os negociantes esse aumento? Provavelmente, alegando que o ano agrícola foi mau...

Não podiam as classes trabalhadoras deixar de erguer o seu protesto contra este estado de cousas. Esse protesto já se iniciou. Coube ao proletariado do Porto iniciar esse movimento que só pode dignificar a classe operária.

Em Lisboa ainda não se realizou uma única sessão contra a carestia. Parece que o povo se sente bem quando o roubam escandalosamente. Os assambareadores, os traficantes da nossa fome, encontram-se completamente sósinhos em campo, à vontade, sem verem na sua frente o único adversário que os pode conter em respeito — o proletariado.

Esta inércia, esta aparente apatia, que é só aparente, não pode manter-se por mais tempo. É preciso tocar a unir. *A Batalha* já deu o alarme, é necessário que o proletariado responda, demonstrando que vive, que está apto a defender os seus interesses tão profundamente lezados.

Por enquanto, ao alarme de *A Batalha* apenas um organismo de Lisboa respondeu: o Sindicato Único da Construção Civil, que resolveu ontem, na reunião do seu conselho de secções, promover uma série de grandes sessões de protesto contra a carestia.

Oxalá outros Sindicatos imitem este gesto de forma a tornar eloquentes e públicos os protestos desesperados que as vítimas de tanto roubo, dia a dia, formulam em sua casa.

A primeira sessão promovida pelo Sindicato Único da Construção Civil terá lugar na próxima quinta feira, na sua sede, na Calçada do Combro.

É preciso que o povo trabalhador acorra em massa a estas sessões para mostrar aos exploradores que está disposto a lutar e a pôr um freio nas suas ambições desmedidas.

Não dê o operariado glórias aos seus inimigos, dando o espectáculo de uma indiferença que está bem longe de existir.

## O que pretende a Federação das Cooperativas

Com a presença do delegado do governo, tenente Salgueiro Rêgo, e os srs. Matheus Fernandes, dr. Reis Santos e Duarte Cruz, procedeu-se, ontem de manhã, ao inventário do Armazém Regulador de Campolide, esperando-se que esta tarde se inventarie o do Terreiro do Trigo.

Amanhã proceder-se-há ao inventário do Armazém Regulador da Madalena e, dentro de breves dias, serão inventariados os res-

tantes. Pretende a Federação Nacional das Cooperativas com os Armazéns Reguladores — depois de lhe ter sido dada a sua posse definitiva — e com outros elementos que estão estudando, entrar na marcha assustadora da carestia da vida, importando diretamente todos os artigos cuja falta se faça sentir no mercado, obrigando os géneros de primeira necessidade a voltarem à normalidade de preço.

## E' preciso salvar "A Batalha"

Esperamos que o proletariado não se esqueça, hoje, sábado, de que *A Batalha* se encontra na situação mais difícil de toda a sua existência.

Nunca como presentemente o órgão dos trabalhadores correu tanto risco. A situação é das mais graves, das mais melindrosas.

Se o povo trabalhador não lhe acudir quanto antes, *A Batalha* ver-se-há forçada a suspender a sua publicação.

Esta é dolorosa verdade, a triste realidade.

Neste momento, em que o proletariado necessita manter forte e aguerrido o baluarte da sua defesa, dirigimos estas palavras graves aos nossos leitores, na esperança de ainda podermos salvar o jornal.

Estamos convencidos de que esta crise é passageira, transitória, correspondendo à crise que o proletariado atravessa. Mas se não soubermos amparar *A Batalha* durante esta crise, cairemos num abismo do qual dificilmente nos livraremos.

Portanto, é confiantes na solidariedade do povo trabalhador que gritamos bem alto:

— E' preciso salvar *A Batalha*!

Transporte . . . . . 6.393\$91

Libiano de Matos . . . . . 10\$00

Raul dos Santos . . . . . 25\$00

Manuel Abrantes . . . . . 10\$00

Um revoltado . . . . . 10\$00

Manuel Chaves . . . . . 5\$00

Joaquim Á. Paiva . . . . . 25\$00

Parte de uma quete aberta na Foz do Douro, entre um grupo de amigos de *A Batalha*:

Francisco de Abreu Campos . . . . . 5\$00

José Luis . . . . . 25\$00

António Gomes . . . . . 25\$00

Damião Pereira da Costa . . . . . 25\$00

Tomas Pinto . . . . . 25\$00

Alexandre Piloti . . . . . 25\$00

João Brandão . . . . . 15\$00

José Picarote . . . . . 15\$00

António Neves . . . . . 15\$00

Manuel Gaspar . . . . . 15\$00

Emilio Martins Ferreira . . . . . 5\$00  
José Maria Cabanhas . . . . . 25\$00  
Albrique da Silva . . . . . 15\$00  
Quete aberta na obra do sr. Bernardino Lopes, Campo Pequeno:  
João António Ramos . . . . . 25\$00  
Gabriel Tereza . . . . . 25\$00  
António Alves Pires . . . . . 25\$00  
David Branco . . . . . 15\$00  
José Maria Feial . . . . . 25\$00  
José Gomes Franco . . . . . 25\$00  
José A. G. Franco . . . . . 25\$00  
António de Oliveira . . . . . 25\$00  
João Galvão . . . . . 15\$00  
J. M. G. . . . . 25\$00  
Parte de uma quete aberta na Foz do Douro, entre um grupo de amigos de *A Batalha*:  
Francisco de Abreu Campos . . . . . 5\$00  
José Luis . . . . . 25\$00  
António Gomes . . . . . 25\$00  
Damião Pereira da Costa . . . . . 25\$00  
Tomas Pinto . . . . . 25\$00  
João Brandão . . . . . 15\$00  
José Picarote . . . . . 15\$00  
António Neves . . . . . 15\$00  
Manuel Gaspar . . . . . 15\$00  
A transportar . . . . . 6.587\$66

## Os conservadores contra Primo de Rivera

PARIS, 17. — *Le Journal* informa que no decurso dum corrida, em Madrid, a população ovacionou entusiasticamente o líder conservador Sanchez Guerra. Por outro lado, os conservadores, reunidos na fronteira, resolveram realizar uma acção comum energica, a fim de combaterem o projecto de reunião da Assembleia Nacional, tal como foi projectada pelo general Primo de Rivera. — (I).

O bairro desmantelável na Horta

A Cruz Vermelha está empregando toda a sua actividade para levar a efecto o seu projecto da construção de um bairro popular para famílias pobres que tenham ficado sem habitação.

Já quando do terremoto de Benavente a Cruz Vermelha Portuguesa construiu um bairro para inúmeras famílias que ficaram sem casa e que ainda ali existe.

Na tesouraria da mesma Instituição têm dado entrada mais donativos.

Admito, com alguns dos partidários

conservadores de desporto em referência, que o seu exercício regado seja útil à espécie humana. Afigura-se-me, porém, que o povo português é dos menos indicados para a prática de tal desporto, talvez porque o nosso temperamento e a nossa educação de meridionais não o podem assimilar na justa medida.

Efectivamente, estão por registar os benefícios do *foot-ball* entre nós, parecendo-me que se contam em maior número os seus malefícios. Ao entusiasmo que o *foot-ball* tem provocado na população portuguesa, nomeadamente na classe operária, não tem correspondido resultados apreciáveis, querer sob o ponto de vista moral e social, quer sob o ponto de vista físico.

Se exceptuarmos Setúbal, onde me dizem que há um clube que tem feito coisas

interessantes, no intuito de retirar os seus compêndios da taberna e de incutir-lhes no espírito noções úteis e humanas, o que é de louvar.

O que em geral se apura da proposta

## Os operários empregam mal os seus ócios

Com este título publicou o nosso camarada Alexandre Vieira no último número da *Educação Social* um artigo que, por ser interessante, o transcrevemos a seguir:

— Havendo-me sido dada a incumbência de exprimir a minha opinião sobre a forma como os operários empregam em geral as horas que lhes ficam livres do trabalho e do repouso, confesso que poucas vezes me tenho sentido menos à vontade do que neste momento para expor o que penso sobre o assunto.

Tendo o prazer de ser operário — sim, leitor, nunca senti realmente tristeza, ao contrário do que acontece com muitos companheiros meus, de ser operário manual, antes tenho muita honra nisso — sucede que, embora não seja dos que mais despendem as horas de lazer, não as aplico, todavia, com o método e portanto com o proveito que seria mister, o que dás em resultado trazer permanentemente desafinadas, fora das ocupações profissionais, que diligenciar cumprir o mais regularmente possível, outras que tenho, nestas incluídas as do espirito, que me não são das mais agradáveis.

Encontrando-me nas condições expostas, é óbvio que me falta idoneidade para "filosofar" sobre o assunto. A pesar disso, atrevendo-me a dizer alguma coisa, visto que, se é verdade que me não acho habilitado a falar de catedra, por virtude daquelas razões e de outras não menos importantes, mas essas de ordem mental, todavia, pelo conhecimento que posso do meio operário, encontro-me de certo modo apto a fazer um depoimento.

\* \* \*

Em regra, os trabalhadores manuais empregam muito mal o seu tempo. Das horas de trabalho, geralmente oito, às ocupações profissionais, e outras oito ao repouso, poucos são os que procuram aplicar as restantes em coisas que contribuem para o levantamento do seu nível técnico, intelectual, físico e moral.

Em relação ao primeiro daqueles aspectos, não ignoro que, se a percentagem dos que procuram valorizar-se aumentasse de modo sensível, sucederia que as instituições de especialidade, assaz deficientes, como é sabido, em muito piores condições passariam a ficar para atender às necessidades.

E' claro que a circunstância da que existe ser pouco, e sóbre ser pouco não ser do melhor, não significa queache defensável que os têm conveniência em adquirir conhecimentos técnicos não procurem as escolas que possuimos, o que seria absurdo.

Sustento, pelo contrário, a opinião oposta, e acrescentarei que estou convencido de que, se a população operária que frequenta as escolas industriais e técnicas crescesse de número, bem possível seria que isso contribuisse eficacement

Borges para o fornecimento de empolás de "pantopon" e sórilo fisiológico.

— Avião?

— Não, porque não tinha o produto.

— E para quem se destinavam aquelas empolás?

— Para a esposa do dr. Drumond Borges!

**Era o dr. Drumond Borges quem recebia para a esposa**

A receta que o farmacêutico Fragoso não aviou foi parar à Farmácia Castro Fonseca, sita na rua 4 de Infantaria, 26.

Estivemos com ela nas mãos devido à solicitude de um dos empregados. Está assassinada pelo dr. Alvaro de Sousa Drumond Borges e destinava-se à esposa.

A outra farmácia impunha-se uma visita.

A' do sr. Custódio Pinheiro, rua de Campo de Ourique, 109, B.

O sr. Pinheiro esteve preso. E sabe o leitor porquê? E' ele mesmo que lho vai contar:

— Quando a polícia prendeu os empregados da farmácia José Bento de Almeida eu, por espírito de solidariedade para com essas vítimas, dirigi-me ao dr. Teixeira Direito, que estava no Governo Civil, e decidi-lhe: que o ano passado, de harmonia com o receitário que me acompanhava, forneci ao dr. Drumond Borges empolás de "pantopon" (morfina e ópio) no valor superior a 300\$00, quando esta que aquele senhor me pagou. Logo, portanto, o dr. Drumond Borges sabia que sua esposa usava o terrível alcaloide.

— E o que lhe respondeu o director interno da Polícia de Investigação Criminal?

— Apens isto: o senhor está preso! E fiquei preso até há dias que fui punido pelo crime de venda clandestina de empolás "pantopon".

— E note que nunca mais fui ouvido!

— concluiu o sr. Custódio Pinheiro.

A digressão ainda não concluiu. Por isso só concluirá amanhã as impressões do nosso redactor que, nem por isso perdem o valor.

## TEATRO NACIONAL

TELEFONE N. 3049

HOJE — A's 21,45 — HOJE

Segunda representação da grande peça espanhola de Martinez Sierra, tradução de Victoriano Braga

## Para fazer-se amar loucamente...

Os principais papéis são desempenhados pelos distintos artistas

**ILDA STICHINI**  
ALEXANDRE DE AZEVEDO

E  
Raúl de Carvalho

Artística encenação de  
ALEXANDRE DE AZEVEDO

## Edições de "A Sementeira"

Práticas neo-mautusianas ..... \$50  
O sentido em que somos anarquistas ..... \$30  
A peste religiosa ..... \$30  
A Liberdade ..... \$50  
A internacional (música e letra). ..... \$30  
Pedidos à A BATALHA ou no Cais do Sodré, 82

## Aos nossos correspondentes

A expansão dum jornal está sempre na razão directa da dedicação e do esforço dispensado por todos os seus servidores.

Jornal operário, por e para trabalhadores feito, A Batalha carece de muitas e grandes dedicações que de tóda a parte a informem do sentir dos oprimidos, cujos protestos, queixumes e aspirações ela tem a missão de interpretar, ao mesmo tempo que os oriente na maneira de conseguirem emancipar-se.

E porque o correspondente é sempre o elo que liga o jornal a atenção das populações distantes, pedimos aos nossos correspondentes maior assiduidade no envio de informes, no que prestarão um bom serviço à causa e evitarão que, muito a nosso pesar, os eliminemos do caderno-registo dos nossos informadores.

A todos aqueles que se nos têm oferecido para correspondentes nas localidades onde ainda os não temos, solicitamos que nos enviem urgentemente duas fotografias, uma para o cartão de identidade que lhes será distribuído, e a outra para o nosso registo.

## Um livro interessante

Acaba de ser posto à venda uma bela obra de RICARDO MELLA,

**IDEARIO.** que consta dum volume de 336 páginas dividido nos seguintes capítulos:

Dectrina — Crítica Social — Educação Literária — Técnicas — Evolução y Revolución — Violencia — Liberdad / Autoridad — Ensaios Filosófico-literarios — Ideas Iconoclastas — Moral Temas sociológicos — Pedagogía — Vida Escolar — Hombre — Revolución — Trabajos — Polémicas — Lecturas — Fragmento Inedito.

Preço 15\$00 — Pelo correio 16\$50

Pedidos à Administração de A BATALHA

## Pregão de revolta

Carta-prótesis, em verso, dirigida ao presidente do ministério contra as deparações.

Preço 1\$00; pelo correio, 1\$20; registado, 1\$50. Pedidos à Administração de A BATALHA.

## O mau vinho dum polícia

O "chaupeur" Icácio Fernandes Gomes reside na rua do Sol à Graça, Vila Berta. Anteontem, pelas 21 horas, no intuito de jantar dirigiu-se no carro que tem a seu cargo para a residência, mas, à entrada da vila, um indivíduo que conversava com uma mulher, estava visivelmente embriagado, entrou de embrarr com ele sob o pretexto de que não havia tocado a buzina, o que não era verdade.

Disto resultou acalorada discussão e ser o "chaupeur" agredido pelo tal indivíduo, que era, afinal, um polícia à paisana e que, puxando a pistola e depois de ter derrubado o antagonista, o alvejou com um tiro que por felicidade o não atingiu.

Não satisfeita com a homicídio tentativa, prendeu o Rogério e conduziu-o para a esquadra das Mónicas donde transitou para a do Vale de Santo António.

E' claro, a parte era carregadíssima e nela constava que o presso trazia os faróis do carro apagados, não tocava a buzina e ainda pretendia agredir o captor. Testemunhas de defesa havia em grande número mas só depois de algum tempo é que foi permitida a entrada na esquadra a algumas delas, entre as quais um sargento.

Convençam-se, certo, o chefe da inanidade das acusações e por isso o procedimento limitou-se a ser assassinado pelo priso um documento qualquer pelo qual feve de esportular 4\$00, sendo depois mandado em prisão.

— E o que lhe respondeu o director interno da Polícia de Investigação Criminal?

— Apens isto: o senhor está preso! E fiquei preso até há dias que fui punido pelo crime de venda clandestina de empolás "pantopon".

— E note que nunca mais fui ouvido!

— concluiu o sr. Custódio Pinheiro.

A digressão ainda não concluiu. Por isso só concluirá amanhã as impressões do nosso redactor que, nem por isso perdem o valor.

Pedidos à Administração de A BATALHA

A secção editorial de A Batalha acaba de editar, em folheto, o decreto 5.510, de 7 de Maio de 1919 e respectivo regulamento publicado Diário do Governo de 12 de Maio de 1920.

Asos sindicatos que desejem adquirir quantidades

sobretudo a doce de 50 folhetos.

Pedidos à Administração de A BATALHA

A banda da Batalha acaba de editar, em folheto, o decreto 5.510, de 7 de Maio de 1919 e respectivo regulamento publicado Diário do Governo de 12 de Maio de 1920.

Asos sindicatos que desejem adquirir quantidades

sobretudo a doce de 50 folhetos.

Pedidos à Administração de A BATALHA

Concerto pela Banda de Marinha

A banda da brigada de marinheiros efectua hoje, das 14 às 15 e meia horas, na praia norte do quartel de Alcântara, um concerto com o seguinte programa:

"La Medalla del Torero" — Passe Doble, P. Rubio; "Cavalaria Ligeira" — Ouverture, Suppé; "Dolores" — Jota, Breton; "El Tribunal de Zamora" — Fantasia, Gounod; "Polka característica" — Galiano; "Gaita Blanca" — Zarzuela, Vives; "Homenagem" — Marcha, Canhão.

Leixões

A caridade das chamadas casas de caridade...

LEIXÕES, 16. — Casas de caridade! Com grande propriedade assim se chama entre outras o nosso Hospital e a Creche de Santa Maria. Com propriedade dizemos porque essa máscara chamada "Caridade" aplica-se à marvilha nos estabelecimentos referidos de que nos vieram contar coisas tão espanhósas que nos falece o ânimo de as relatar sem bem as averiguar.

Do hospital dizem-nos que a consulta gratuita por dois escudos é uma razoável burla, pois que muitas vezes essa consulta

não se faz e... os escudos lá ficam. Há

ainda uma senhora enfermeira que foi visitar a bater uma criança a quando dum doloroso curativo a que a sujeitaram, só porque a crincha chorava!

Esta enfermeira (irmã da tal "Caridade")

gratuita por dois escudos é uma razoável burla, pois que muitas vezes essa consulta

não se faz e... os escudos lá ficam. Há

ainda uma senhora enfermeira que foi visitar a bater uma criança a quando dum doloroso curativo a que a sujeitaram, só porque a crincha chorava!

Esta enfermeira (irmã da tal "Caridade")

gratuita por dois escudos é uma razoável burla, pois que muitas vezes essa consulta

não se faz e... os escudos lá ficam. Há

ainda uma senhora enfermeira que foi visitar a bater uma criança a quando dum doloroso curativo a que a sujeitaram, só porque a crincha chorava!

Esta enfermeira (irmã da tal "Caridade")

gratuita por dois escudos é uma razoável burla, pois que muitas vezes essa consulta

não se faz e... os escudos lá ficam. Há

ainda uma senhora enfermeira que foi visitar a bater uma criança a quando dum doloroso curativo a que a sujeitaram, só porque a crincha chorava!

Esta enfermeira (irmã da tal "Caridade")

gratuita por dois escudos é uma razoável burla, pois que muitas vezes essa consulta

não se faz e... os escudos lá ficam. Há

ainda uma senhora enfermeira que foi visitar a bater uma criança a quando dum doloroso curativo a que a sujeitaram, só porque a crincha chorava!

Esta enfermeira (irmã da tal "Caridade")

gratuita por dois escudos é uma razoável burla, pois que muitas vezes essa consulta

não se faz e... os escudos lá ficam. Há

ainda uma senhora enfermeira que foi visitar a bater uma criança a quando dum doloroso curativo a que a sujeitaram, só porque a crincha chorava!

Esta enfermeira (irmã da tal "Caridade")

gratuita por dois escudos é uma razoável burla, pois que muitas vezes essa consulta

não se faz e... os escudos lá ficam. Há

ainda uma senhora enfermeira que foi visitar a bater uma criança a quando dum doloroso curativo a que a sujeitaram, só porque a crincha chorava!

Esta enfermeira (irmã da tal "Caridade")

gratuita por dois escudos é uma razoável burla, pois que muitas vezes essa consulta

não se faz e... os escudos lá ficam. Há

ainda uma senhora enfermeira que foi visitar a bater uma criança a quando dum doloroso curativo a que a sujeitaram, só porque a crincha chorava!

Esta enfermeira (irmã da tal "Caridade")

gratuita por dois escudos é uma razoável burla, pois que muitas vezes essa consulta

não se faz e... os escudos lá ficam. Há

ainda uma senhora enfermeira que foi visitar a bater uma criança a quando dum doloroso curativo a que a sujeitaram, só porque a crincha chorava!

Esta enfermeira (irmã da tal "Caridade")

gratuita por dois escudos é uma razoável burla, pois que muitas vezes essa consulta

não se faz e... os escudos lá ficam. Há

ainda uma senhora enfermeira que foi visitar a bater uma criança a quando dum doloroso curativo a que a sujeitaram, só porque a crincha chorava!

Esta enfermeira (irmã da tal "Caridade")

gratuita por dois escudos é uma razoável burla, pois que muitas vezes essa consulta

não se faz e... os escudos lá ficam. Há

ainda uma senhora enfermeira que foi visitar a bater uma criança a quando dum doloroso curativo a que a sujeitaram, só porque a crincha chorava!

Esta enfermeira (irmã da tal "Caridade")

gratuita por dois escudos é uma razoável burla, pois que muitas vezes essa consulta

não se faz e... os escudos lá ficam. Há

ainda uma senhora enfermeira que foi visitar a bater uma criança a quando dum doloroso curativo a que a sujeitaram, só porque a crincha chorava!

Esta enfermeira (irmã da tal "Caridade")

gratuita por dois escudos é uma razoável burla, pois que muitas vezes essa consulta

não se faz e... os escudos lá ficam. Há

ainda uma senhora enfermeira que foi visitar a bater uma criança a quando dum doloroso curativo a que a sujeitaram, só porque a crincha chorava!

Esta enfermeira (irmã da tal "Caridade")

gratuita por dois escudos é uma razoável burla, pois que muitas vezes essa consulta

não se faz e... os escudos lá ficam. Há

ainda uma senhora enfermeira que foi visitar a bater uma criança a quando dum doloroso curativo a que a sujeitaram

CAMBIOS		
Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque	94\$75	
Madrid cheque	2\$99	
Paris, cheque	5\$6	
Suica	27\$85	
Bruxelas cheque	5\$4	
New-York	195\$7	
Amsterdão	75\$85	
Itália, cheque	71\$5	
Brasil	3\$00	
Praga	5\$8	
Suécia, cheque	5\$94	
Austria, cheque	25\$7	
Berlim	45\$7	

## Serviço de Armazens Gerais

## Concurso para adjudicação da compra de encerados

## ANUNCIO

Pelo presente anúncio se faz público que no dia 16 do próximo mês de Outubro pelas 13 horas, na sede da Direcção dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, rua de São Mamede, 63, Lisboa, se há de proceder a concurso público para a adjudicação de 50 encerados.

Para ser admitido à licitação deverá o concorrente mostrar que efectuou em qualquer das Tesourarias dos Caminhos de Ferro do Estado, até às 13 horas do último dia útil anterior ao do concurso, o depósito de 1.250\$00.

O concorrente a quem fôr feita a adjudicação terá de reforçar o seu depósito provisório no prazo de oito dias contados da data em que a mesma lhe for notificada, com a quantia necessária para prezar 5% da importância total da mesma adjudicação constituindo, assim, um depósito definitivo que por intermédio da Direcção do Sul e Sueste, será transferido para a Caixa Geral dos Depósitos onde ficará à ordem da mesma Direcção.

Este reforço terá de efectuar-se na mesma Tesouraria em que tiver sido realizado o depósito provisório, devendo na ocasião ser entregue uma folha de papel selado não utilizada.

As propostas serão feitas nos modelos especiais que o Caminho de Ferro fornecerá e só essas poderão ser tomadas em consideração.

O programa do concurso e o respectivo caderno de encargos acham-se patentes no Serviço de Armazens Gerais, Calçada do Correio Velho, 17, 1º, Lisboa, e na Direcção do Minho e Douro, Porto, onde podem ser examinados em todos os dias úteis, das 11 às 16 horas.

Lisboa, 7 de Setembro de 1926.—O Engenheiro Chefe do Serviço de Armazens Gerais, Feio Terenus.

## Concurso para adjudicação da compra de lâmpadas elétricas

## ANUNCIO

Pelo presente anúncio se faz público que no dia 18 do próximo mês de Outubro, pelas 13 horas, na sede da Direcção dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, rua de São Mamede, n.º 63, Lisboa, se há de proceder a concurso público para a adjudicação da compra de 3.879 lâmpadas elétricas de diversos tipos.

Para ser admitido à licitação deverá o concorrente mostrar que efectuou em qualquer das Tesourarias dos Caminhos de Ferro do Estado, até às 13 horas do último dia útil anterior ao do concurso, o depósito de 500\$00.

O concorrente a quem fôr feita a adjudicação terá de reforçar o seu depósito provisório no prazo de oito dias contados da data em que a mesma lhe for notificada, com a quantia necessária para prezar 5% da importância total da mesma adjudicação constituindo, assim, um depósito definitivo que por intermédio da Direcção do Sul e Sueste, será transferido para a Caixa Geral dos Depósitos onde ficará à ordem da mesma Direcção.

Este reforço terá de efectuar-se na mesma Tesouraria em que tiver sido realizado o depósito provisório, devendo na ocasião ser entregue uma folha de papel selado não utilizada.

As propostas serão feitas nos modelos especiais que o Caminho de Ferro fornecerá e só essas poderão ser tomadas em consideração.

O programa do concurso e o respectivo caderno de encargos acham-se patentes no Serviço de Armazens Gerais, Calçada do Correio Velho, 17, 1º, Lisboa, e na Direcção do Minho e Douro, Porto, onde podem ser examinados em todos os dias úteis, das 11 às 16 horas.

Lisboa, 9 de Setembro de 1926.—O Engenheiro chefe do Serviço de Armazens Gerais, Feio Terenus.

## LIMAS NACIONAIS

Tubos, rodas, chaminés, fundos, molas e pedras, a preços reduzidos.

## ISQUEIROS

Tubos, rodas, chaminés, fundos, molas e pedras, a preços reduzidos.

Pedidos a:

FRANCISCO LATTA

LARGO DO CONDE BARÃO, 55

Tabacaria e Kiosque

FATOS completos e sobretudos

em bom cheviote, com bons forros e bom acabamento,

para homem, desde

129\$00

Calças desde 35\$00

Grande sortido de fatos e sobretudos, feitos e por medida

Abatimentos para revenda

170, Rua da Boa Vista, 172

A CURA DAS DOENÇAS PELAS PLANTAS, livro útil ás boas donas de casa. Preço 2\$00; pelo correio, 2\$50. Pedidos à administração de A Batalha.

Motocicletas SUN; B S A. Bicicletas SUN; B S A.

Acessórios—Contadores para água—Gramofones—Discos com unides, 600\$00.

P. COELHO

Trav. de São Domingos, 28—LISBOA

“A BATALHA” no Funchal vende-se No Bureau de Lí Presse.

18-9-1926

VÍTIMA DA C. D. J. REZAI POR MIM 1682

ee do outro:

EM PARIS, RUA DE S. FRANCISCO, 3 DAQUI A SÉCULO E MEIO É O DIA 13 DE FEVEREIRO DE 1832 (1)

“E’ pois por meio destas medalhas, transmitidas de geração em geração, que os herdeiros Rennepon sabem que se hão de reunir um dia aqui, na casa do seu avô.

— Meu amigo, disse Bethsabéa, na nota que me

estava ditando, para o nosso amigo Levy, falavas

duma família Lebrenn, parenta do sr. Rennepon, a

qual a-pesar-do seu parentesco, seria provavelmente excluída da herança... donde provém essa exclusão?

— Meu pai contou-me que o avô do sr. Mário

Rennepon, depois da abjuração, tinha tomado tal

ódio aos seus parentes do ramo Lebrenn, que tinha

cortado todas as relações com elas, e nem da sua

existência tinha falado ao filho, com medo de que este

travasse algum dia relações com esta família, inimiga implacável da Igreja.

— O pai do sr. Mário Rennepon conservou-se fiel

a religião romana?

— Sim, minha querida Bethsabéa; mas o sr. Mário

Rennepon, pouco depois da morte do pai, abraçou o

protestantismo, que mais tarde fingiu abjurá... para

(1) Esta legenda foi resolvida e desenvolvida noutra obra

do ilustre autor, escrita em 1842, com o título de *O Judeu Errante*, que é uma das suas mais curiosas produções.

## Caminhos de Ferro do Estado Livros em espanhol

## A venda na administração de A BATALHA

Mi Comunismo, Sebastião Faure

La Revolucion Social em França, Miguel Bakunine (2 volumes)

Cartas a uma mulher sobre la anarquia, Luis Fabre

La Ucrania revolucionária, Agustín Souchy

Anarquismo y organisação, Rolando Rocker

Entre campesinos, E. Malatesta

En Ucrania, Rudenko

Miguel Bakunine, J. Guillame Los anarquistas (Estudo e repúca)

Lombrosa y Melia

Errico Malatesta, Max Netland

Artistas y Rebeldes, R. Rocker

Nicolai, Romain Rolland

¿Soviet o Dictadura? Varias

El Estado moderno, Kropotkin

Dictadura y Revolución, Luiz

Fabre

Bolshevismo y Anarquismo, Rolando Rocker

Problemas universitários, Lelio O. Leno

La Revolucion, José Torralvo

Dios y el Estado, M. Bakunine

Paginas selectas, Multatuli

Ensayos y Conferencias, Pedro Gori

Dos años en Russia, E. Goldman

José Torralvo—La Revolucion

Lélio O. Zeno—Problemas universitários

La Revista Blanca—Arte, Ciencia e Literatura, cada número

Quinet, Falaz

La pena de muerte, G. Alomar

El Teatro del Pueblo, V. de Pedro

El Teatro del Pueblo, por Valentim Pedro

Acción Directa, por Angel Pestaña

1\$00

1\$00

1\$00

1\$00

1\$00

1\$00

1\$00

1\$00

1\$00

1\$00

1\$00

1\$00

1\$00

1\$00

1\$00

1\$00

1\$00

1\$00

1\$00

1\$00

1\$00

1\$00

1\$00

1\$00

1\$00

1\$00

1\$00

1\$00

1\$00

1\$00

1\$00

1\$00

1\$00

1\$00

1\$00

1\$00

1\$00

1\$00

1\$00

1\$00

1\$00

1\$00

1\$00

1\$00

# A BATALHA

## OS JESUITAS

Registam constantemente as gazetas proezas dos filhos de Santo Inácio para juntarmos as proezas relatadas já por Michelet, por Quinet, por Paul Bert, e entre nós por Alexandre Braga e Teófilo Braga, e na Espanha por Fernando Garrido.

Como *justificação* desses actos preciso é que algumas palavras juntemos ao processo.

Cumpre-nos mostrar como os actos dessa gente estão conformes com as suas doutrinas pestilências. É perigoso talvez para a higiene pública mexer em tanta inundação, mas paciência: o leitor tem direito a exigir de nós que lhe mostremos a verdade tóda.

Como prova da absoluta renúncia ao racionalidade, diz Santo Inácio nos *Exercícios*:

«Se a igreja estatui que o que parece branco a nossos olhos é preto, o jesuíta deve logo dizer que é preto.»

Quando em 15 de Agosto de 1534, Inácio e seus sete companheiros subiram à capela de Montmartre para a organização da Companhia, ali ficou logo decidido que eles se iriam prostrar aos pés do papa, para que aproveitassem, como melhor lhe aprovesse, o esforço e a dedicação dos recém-ajuramentados. Os princípios que eles desde logo resolvem adoptar foram: 1.ª a obediência absoluta ao papa sem demora, sem se permitirem a liberdade dum único reflexão, embora respeitosos na forma. Submeter as ordens superiores ao raciocínio individual é creer na impossibilidade da desobediência, é já de facto desobedecer; 2.º eleger um geral vitalício perante cuja opinião e vontade fossem eliminadas as dos filhos da Companhia, de tal forma que eles fôssem já bem dizer o corpo e o geral a alma; eles a passividade da matéria, o geral a actividade do espírito.

Obediência — quere dizer, a anulação da inteligência, a anulação da razão, a anulação da vontade, a anulação do saber, perante o capricho superior divinizado, foi dada como a virtude magna dos jesuítas. Diz Inácio de Loyola:

«A obediência por excelência é aquela em virtude da qual julgamos justo tudo o que nos é prescrito pelos nossos superiores. É necessário ser como morto, sem vontade e sem sentimento, um verdadeiro automato.»

«Se o meu superior me dá alguma ordem que me parece contrária à minha consciência, devo acreditar mais nele do que em mim. No caso de não poder decidir-me a isso, devo abandonar o juízo e o senso próprio e submeter tudo ao julgamento de um, dois ou três superiores, e fazer o que eles determinarem.»

Uma Companhia cujos membros tomam com a sua consciência um compromisso dessa ordem, uma obediência tão perfeita, deve fazer um exército formidável. Essa obediência que tira ao jesuíta a responsabilidade, anulando-lhe o carácter e a vontade, fazendo-o mero instrumento do papa ou do geral, o que dá ao jesuítismo a sua força formidável. Sob condição de uma obediência dessa ordem, as maiores infâmias podem ser ordenadas aos jesuítas.

O general é quem os move: eles nada querem saber das consequências de tal movimento. O seu Eu foi absorvido pelo geral; a sua vontade deixou de existir. Nunca a *loucura da cruz* produziu similitantes aberrados. A bestialização dada como uma virtude... O homem-máquina — obedecendo ao maquinista, ao guia — o geral. A similitude de organização da Companhia criam êles na organização do Universo: o Deus ex-máquina de Mallebranche, governando arbitrariamente os seres e os fenômenos, não deixando produzir-se coisa alguma sem sua intervenção, representa o general dos jesuítas estendendo o seu poder supremo e a sua inquisição espiritual a todos os membros da ordem. E como o Cristo disse: *Eu e o meu pai somos um*, também um jesuíta pode dizer: *Eu e o meu geral somos um*. O geral, é o seu pai, é o seu papa, é o seu mundo, é o seu eu, é o seu deus. E' aí que o jesuíta obedece, é nele que

o jesuíta crê, é por ele que o jesuíta vive, é dele que o jesuíta pensa, é dele que espera a salvação da sua alma. Exercito formidável, aquele que se organiza com uma disciplina!...»

A moral dos jesuítas, imposta pelo fundador da Ordem, é curiosíssima.

«Cada membro da Companhia é obrigado a revelar tudo o que respeita aos outros...»

A espionagem e a delação, êses crimes que revoltam todas as consciências honestas, dadas como norma do viver de uma sociedade inteira! dai o carácter taciturno, sombrio, desconfiado e intrigante dos jesuítas.

«Os membros da Ordem não devem contrariar amizades particulares: devem apenas amar a Companhia...»

Quer dizer: após a castração moral imposta pela Igreja ao clero com a instituição do celibato, vem Inácio de Loyola agravar-lhe a situação, proibindo-lhe até o doce sentimento da amizade.

«Nas casas da Ordem cada qual deve procurar viver aparte, ou três a três; nunca dois.»

Percebe-se; o terceiro era necessário para que houvesse sempre o espião...»

Laharpe diz no seu *Curso de Literatura* que basta ler-se um autor para se lhe adinhar as feições. As de Inácio de Loyola descobrem-se aí. Frente larga, revelando inteligência, e franzida, indicando celeridade contra o mundo que renascia após a longa opressão medieval; olhar vago do alucinado, e simultaneamente duro do impetuoso; nariz aquilino, recuro como o bico dum abutre; boca rasgada e lábios estreitos; sem sorrisos e sem suspiros; face imóvel, impassível; pálida como o mármore e untuosa como o visco. Tal homem tal doutrina. Ela ai lica; elle ai está...»

\* \* \*

Na prática da sua obediência, o geral valia mais do que o papa. Proveiu daqui por vezes uma forte oposição a Companhia e o Vaticano, que várias vezes a feriu de anátema.

Tendo-se tornado uma luta política de primeira ordem, os jesuítas aproveitavam a sua influência em benefício da Companhia, importando-se muito pouco com que estivessem ou não de acordo com as vidas da Santa Sé. Por vezes a dissidência era uma manifesta rebeldia, como se viu com a obra de Molina, anatemizada pelo papa como heterodoxa, e cuja ortodoxia foi toda violentamente sustentada pelos membros da Ordem.

Quando morreu o papa Sixto V, ex-frade franciscano, e como tal inimigo dos jesuítas (é sabida a rivalidade que sempre existiu entre os inquisidores — franciscanos e dominicanos — e os jesuítas), o papa que animou com as suas abomináveis palavras a matança dos protestantes da Holanda, tornando assim impossível a sua convergência ao catolicismo; o papa que aconselhou a Filipe II a preparação da armada invicta, no intuito de arruiná a Espanha, nação que él abominava; quando morreu Sixto V, diziamos, o jesuíta Aubry, cura de Santo André dos Arcos, proferiu do púlpito abaixo estas palavras:

«Deus livrou-nos a propósito dum papa execrável, meus irmãos; porque se é vivido mais tempo, teríamos sido forçados a excomungá-lo, visto que era adútero, incestuoso, simoníaco, feiticeiro, sodomita e herético. Esse infâme não se contentava com roubar os fiéis para enriquecer suas sobrinhas e sobrinhos, que eram para ele outros tantos favoritos e amantes: queria ainda declarar-se o protector do Bearne (Henrique IV da França) para melhor nos opimir; mas Deus fulminou esse Satanaz coroado com a tiara!»

E toda esta inventiva, só porque o papa Sixto V se mostrava favorável a Henrique IV, único rei francês, depois de Francisco I, que não se deixou dominar pelos jesuítas...

### LUTA DE CLASSES

#### Os industriais do açúcar manobram contra a saúde pública

A firmeza dos operários da refinação de açúcar, que não se dispõem a retomar o trabalho sem que sejam atendidos, tem desmorteado os industriais, que ora usam de todos os processos para antijulgarem o movimento. Como as respostas dos industriais não satisfazem as justas reclamações dos operários, a classe reuniu-se em Almada e decidiu prosseguir na greve.

A moral dos jesuítas, imposta pelo fundador da Ordem, é curiosíssima.

«Cada membro da Companhia é obrigado a revelar tudo o que respeita aos outros...»

A espionagem e a delação, êses crimes que revoltam todas as consciências honestas, dadas como norma do viver de uma sociedade inteira! dai o carácter taciturno, sombrio, desconfiado e intrigante dos jesuítas.

«Os membros da Ordem não devem contrariar amizades particulares: devem apenas amar a Companhia...»

Quer dizer: após a castração moral imposta pela Igreja ao clero com a instituição do celibato, vem Inácio de Loyola agravar-lhe a situação, proibindo-lhe até o doce sentimento da amizade.

«Nas casas da Ordem cada qual deve procurar viver aparte, ou três a três; nunca dois.»

Percebe-se; o terceiro era necessário para que houvesse sempre o espião...»

Laharpe diz no seu *Curso de Literatura* que basta ler-se um autor para se lhe adinhar as feições. As de Inácio de Loyola descobrem-se aí. Frente larga, revelando inteligência, e franzida, indicando celeridade contra o mundo que renascia após a longa opressão medieval; olhar vago do alucinado, e simultaneamente duro do impetuoso; nariz aquilino, recuro como o bico dum abutre; boca rasgada e lábios estreitos; sem sorrisos e sem suspiros; face imóvel, impassível; pálida como o mármore e untuosa como o visco. Tal homem tal doutrina. Ela ai lica; elle ai está...»

\* \* \*

Na prática da sua obediência, o geral valia mais do que o papa. Proveiu daqui por vezes uma forte oposição a Companhia e o Vaticano, que várias vezes a feriu de anátema.

Tendo-se tornado uma luta política de primeira ordem, os jesuítas aproveitavam a sua influência em benefício da Companhia, importando-se muito pouco com que estivessem ou não de acordo com as vidas da Santa Sé. Por vezes a dissidência era uma manifesta rebeldia, como se viu com a obra de Molina, anatemizada pelo papa como heterodoxa, e cuja ortodoxia foi toda violentamente sustentada pelos membros da Ordem.

Quando morreu o papa Sixto V, ex-frade franciscano, e como tal inimigo dos jesuítas (é sabida a rivalidade que sempre existiu entre os inquisidores — franciscanos e dominicanos — e os jesuítas), o papa que animou com as suas abomináveis palavras a matança dos protestantes da Holanda, tornando assim impossível a sua convergência ao catolicismo; o papa que aconselhou a Filipe II a preparação da armada invicta, no intuito de arruiná a Espanha, nação que él abominava; quando morreu Sixto V, diziamos, o jesuíta Aubry, cura de Santo André dos Arcos, proferiu do púlpito abaixo estas palavras:

«Deus livrou-nos a propósito dum papa execrável, meus irmãos; porque se é vivido mais tempo, teríamos sido forçados a excomungá-lo, visto que era adútero, incestuoso, simoníaco, feiticeiro, sodomita e herético. Esse infâme não se contentava com roubar os fiéis para enriquecer suas sobrinhas e sobrinhos, que eram para ele outros tantos favoritos e amantes: queria ainda declarar-se o protector do Bearne (Henrique IV da França) para melhor nos opimir; mas Deus fulminou esse Satanaz coroado com a tiara!»

E toda esta inventiva, só porque o papa Sixto V se mostrava favorável a Henrique IV, único rei francês, depois de Francisco I, que não se deixou dominar pelos jesuítas...

O operariado desse concelho encontra-se indignado pela ação nefasta do verdugo Martins de Coimbra que requisitou a guarda republicana, que se encontra ao seu serviço sem que a tenha chamado o administrador do concelho. — C.

### INSTRUÇÃO

#### Academia de Amadores de Música

Esta Academia, fundada em 13 de Março de 1884, é uma instituição, talvez única no gênero no nosso país, que desde a sua fundação tem sabido conservar e respeitar escrupulosamente os fins para que foi criada a instrução e a educação musical.

Esta instrução e educação musical é ministrada aos sócios, de ambos os sexos e filhos ou parentes chegados dêstes, menores, em aulas nocturnas, regidas por professores diplomados e reconhecida competência, como sejam os mestres Fernandes Fão e Pedro Blanch, Ivo da Cunha e Silva, Campos Coelho, Eduardo Líbório, José Henrique dos Santos, Abílio Meireles e sr. D. Cecília Borba, D. Sara de Sousa, D. Hilda Gomes, D. Maria Helena Leal, D. Carmelina Borba, D. Maria da Luz Antunes, D. Alice Salazar de Eça e D. Cláudia Santos, sob a direcção artística do sr. Tomás de Borba.

Grande é o número de concertos que têm proporcionado aos seus sócios, pois atinge 180 êsse número, sendo 13 êste ano no seu vasto e elegante salão, e grande é também o número de artistas profissionais e de amadores que as suas aulas têm produzido.

O número de matrículas nas diferentes aulas, que em 1921-22 foi de 149, foi em 1922-23 de 242, em 1923-24 de 439, em 1924-25 de 532 e em 1925-26 de 899.

O aproveitamento regista-se pelo seguinte resultado obtido: Passagens de ano por média 420, exames de final de curso, 40.

Além das habituais aulas de rudimentos, piano, violino, violeta, violoncelo, contrabaixo, harpa, canto, canto coral, instrumentos de sopro, harmonia, português, francês, italiano, alemão, acústica, história da música e estética, começará a funcionar no princípio do ano lectivo que entra, a aula de conjunto, sob a regência do professor, sr. Ivo da Cunha e Silva.

As matrículas nessa importante agremiação abrem no dia 25 do corrente, achando-se para isso a secretaria aberta todos os dias úteis, das 14 às 22 horas, rua António Maria Cardoso, 24.

As aulas abrem no dia 7 de Outubro.

C. V. S.

### Prevenção aos compostores tipográficos

A direcção da Associação dos Compositores Tipográficos previne todos os componentes conscientes da sua classe, de que não devem aceitar trabalho no «Correio da Manhã» enquanto o conflito ali existente não for solucionado.

\* \* \*

Hospitais Civis de Lisboa

Foram nomeados internos do 1.º ano dos

Hospitais Civis de Lisboa os seguintes

candidatos aprovados em concurso de provas documentais e práticas: Adelino José da Costa, Afonso Bessa Pais, José Alfredo Nobre Cartaxo, Henrique Jorge Namy, Alvaro de Campos, Pinto Viana, Jacinto Vargas Moniz, João Manuel de Sousa Bastos, Luís Campos Leite da Silva, António Manuel Pires, Mariano de Carvalho Rica, Artur Manuel Viana Fernandes, Pedro Paulo de Meneses Soares, Manuel dos Santos Matos, João Pires Marques Pinto, João Manuel Rodrigues, Carlos Maria Appleton Figueira, Francisco Joaquim de Matos Taquenho, António Francisco Nunes, Amadeu Vieira de M. Monteiro, Estevão Amaral Fortes, Humberto de Fontoura Madureira, João Dias Folgado, Júlio do Rosário Costa, António Pereira Serrão Franco e José Luis Maciel Chaves.

O parecer dos metalúrgicos constava ainda a carestia da vida que, no parecer da Comissão Instaladora, não é tratado senão muito de leve. O presidente convidado o Conselho a pronunciar-se, visto ser este assunto dos mais palpitante actualidade.

O relator do parecer da C. S. T. declara não ter dúvida em concordar com as observações feitas em *A Batalha* e no parecer do Sindicato Metalúrgico, e assim propôz que, exclusivamente para tratar da carestia da vida, fosse nomeada uma comissão especial com a incumbência de estudar êste assunto. Foi aprovado.

O parecer da Comissão Instaladora, com a aprovação do n.º 2 do último capítulo, ficou finalmente aprovado com as pequenas emendas publicadas nos extratos anteriores.

Discussiu-se a nomeação das comissões

que têm de apresentar ao Congresso a

realizar-se em outubro, e que funcionarão,

como na sessão anterior ficou resolvido,

em absoluto acordo com o que o estatuto preconiza para os Congressos Ordinários.

As comissões a nomear seriam as se-

guinhas: Crise e Horário de Trabalho; In-

O proletariado tem de iniciar em Lisboa

o combate contra a carestia da vida



### CARTA DO PORTO

#### Uma fábrica que trata os operários como se fossem escravos negros

PORTO, 16. — Deixar, neste momento em que as nossas crónicas prolíficas tanto estão interessando, de falar na esfinge fábrica de Cravel, seria um erro impenitível, quicá um crime que nos atormentaria a consciência. E porque assim pensamos, mais uma vez vamos penetrar nos arcanos do imenso estabelecimento fabril de Clark & C.».

A secção de fiação é das maiores que se compõe a fábrica. A sua cota exterior atinge perfeitamente ao matiz cadáverico que tingue as faces claróticas das operárias que lá trabalham. A caiação de amarelo raduz o contragosto martirizante das operárias.

Interiormente, a citada secção é um casulo amplo. Tem bastante luz, mas a ventilação está quase ausente de todo. O sol, este sol implacável de estiagem rigorosissima, atesta ardorosamente nos vidros, os quais, tornando-se um excelente condutor da quentura solar, afoigam os corpos raquíticos, anêmicos, das centenas de vítimas do capital britânico... Assifa-se

Quem comanda dentro do casario abafado, são os seguintes indivíduos: A. Pérez, J. Vale, Cândido, Antunes, Campanhã e Daniel — todos uns excelentes criaturas... mas para quem lhes for bater humild